



José Gabriel Ávila\*

## São Jorge: do infortúnio à solidariedade

A crise sísmica de São Jorge, iniciada em 15 fevereiro de 1964<sup>1</sup> marcou-me muito, embora fosse criança ainda e não soubesse, concretamente, o que se passava no terreno.

Desses trágicos dias que destruíram cerca de 900 habitações em Rosais, Toledo, Beira, Velas e outras, recordo o tempo invernososo que impedia as comunicações marítimas com a Ilha, as dificuldades no fornecimento de equipamentos e a retirada de desalojados.

São Jorge tinha então, cerca de 15 mil habitantes. Hoje tem pouco mais de 8 mil.

Na sequência dessa crise sísmico-vulcânica e devido à falta de recursos para a reconstrução foi oferecida a dezenas de famílias a possibilidade de migrarem, com animais e haveres, para os colonatos angolanos da Cela e do Negage, com promessas de, à chegada, a Junta Provincial de Povoamento de Angola (JPPA) tudo lhes disponibilizar para refazerem suas vidas. O transporte foi efetuado no navio “Lima” da Empresa Insular de Navegação (EIN).

Poucos anos mais tarde, em 1972, ouvi da boca de um casal jorgense, residente no colonato do Negage: “As promessas não foram cumpridas. Os produtos da terra não se vendem, nem nós, pequenos produtores temos como dar-lhe sumiço. Muitos jorgenses tiveram de abandonar as suas fazendas e partiram para Luanda em busca de melhores condições de vida.”

O simpático casal fez questão de me oferecer dezenas de enormes abacaxis produzidos nos terrenos que lhe haviam sido concedidos, caso contrário seriam lançados à terra para estrume.

Aquando da descolonização, muitos açorianos de São Jorge deixaram África e partiram para a Califórnia, onde se juntaram a familiares e amigos há muito lá residentes, e aí, sim! Em resultado de muitas canseiras e empenho, encontraram a verdadeira América.<sup>2</sup>

São Jorge vive, quase 60 anos depois, uma situação sísmico-vulcânica muito semelhante.

O património edificado oferece, porém, incomparáveis condições de segurança, após a reconstrução por sucessivas crises sísmicas. Ao longo de todos esses anos, a população foi entretanto envelhecendo e as forças faltando para resistir a tantas lutas e tormentas, uma das quais é ter de abandonar os lares e pertences que tanto custaram a construir, bem como os animais domésticos.

Desde meados do século passado, mais precisamente a partir do Vulcão dos Capelinhos, em 1958, na memória de muita gente ainda permanecem vivas as imagens de destruição provocadas pela sismicidade das nossas ilhas, nomeadamente as do grupo central: Terceira, São Jorge, Graciosa, Pico e Faial.

Todos esses desastres traduziram-se na destruição de património construído e na perda de população emigrada para os EUA.

Mal refeitos ainda pela memória do Vulcão surge nova crise sísmica em novembro de 1973, sentida no Pico, Faial e São Jorge a qual afetou gravemente o parque habitacional de várias localidades do Sul do Pico (São Mateus e Terra do Pão) e do Norte da ilha (Bandeiras, Sta Luzia, Sto António e São Roque), bem como da cidade da Horta e Flamengos, no Faial. Os apoios do Estado só chegaram a conta gotas pelo que a reconstrução foi muito lenta.

Neste breve historial, é impossível esquecer o sismo de 1 de janeiro de 80 que provocou a morte a 73 pessoas e danificou gravemente parte significativa das habitações das Ilhas Terceira, São Jorge e Graciosa.

A resiliência com que as populações dessas três ilhas encararam a reconstrução e o futuro das suas vidas fez com que não se tivesse registado novo surto emigratório, como nas décadas anteriores. A vida no arquipélago foi-se reerguendo com sacrifício e empenho.

Não deixa de ser relevante recordar o número açorianos entretanto emigrados para a América do Norte, seja em consequência de cataclismos, seja para fugirem às dificuldades.

Segundo o INE, entre 1950 e 1969, emigraram 93.289 açorianos, 48.755 para os EUA e 37.336 para o Canadá. Número significativo

que aumentaria nos 15 anos seguintes para 181.335 pessoas, das quais 97.906 para os EUA e 74.454 para o Canadá.

Os que ficaram, por razões várias e porque a vida melhorou significativamente com o regime autonómico, não deixaram de sofrer os condicionalismos resultantes da insularidade e da constituição geomorfológica do arquipélago.

Assim, anos mais tarde, em 9 de julho de 1998, nova crise sísmica voltou a sacudir as ilhas do Faial e do Pico tirando a vida a 9 pessoas e provocando mais de uma centena de feridos, milhares de sinistrados e uma destruição significativa do património edificado.

Embora temendo o agravamento da situação que presentemente se vive em São Jorge, desejo apenas destacar o apoio, sem medida, prestado pelas Associações de Bombeiros Voluntários, pelos Serviços locais de proteção civil cujos dirigentes manifestam empenho, dedicação e competência e o auxílio das populações em geral que, nos momentos de infortúnio se unem em imensos gestos de solidariedade; a mesma que leva a comunidade internacional a acolher refugiados da guerra, manifesta-se, também entre nós, sempre que a terra abala a pacatez das ilhas, abrindo portas e acolhendo desalojados.

É no infortúnio que a unidade dos Açorianos se tem fortalecido.



<sup>1</sup>OS SISMOS DE 1964 NA ILHA DE S. JORGE (AÇORES) REGISTO DIÁRIO, G. ZBYSZEWSKI, T. Pacheco da ROSA, [https://run.unl.pt/bitstream/10362/1469/1/CT\\_03\\_03.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/1469/1/CT_03_03.pdf)

<sup>2</sup>AQUÉM E ALÉM DE SÃO JORGE- MEMÓRIA E VISÃO, Coordenação de Susana Goulart Costa, Maria Leonor Sampaio da Silva e Duarte Nuno Chaves, S.Jorge, 2014